

# O LEITOR DE HAROLD BLOOM NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA DESDE A SUA PUBLICAÇÃO NO BRASIL

Luiz Fernando Martins de Lima<sup>1</sup>

## Introdução

As reflexões presentes neste artigo são fruto de dissertação de mestrado defendida em 2009 pela Universidade Estadual Paulista (LIMA, 2009) sob a orientação do Prof. Dr. João Luis Cardos Tápias Ceccantini. Nas subdivisões a seguir buscarei, em primeiro lugar, fazer uma síntese do pensamento de Harold Bloom à respeito de influência e sua relação com a desconstrução, para depois trazer à tona algumas constatações acerca de sua recepção crítica na universidade brasileira, de modo a ser apto a realizar alguns comentários sobre a produção acadêmica referente ao professor de Yale. Durante a pesquisa obtivemos um *corpus* composto por doze trabalhos acadêmicos compreendendo uma produção de 1994 a 2004. Como critério para a seleção desses trabalhos, procuramos o que foi produzido sobre ou com a contribuição de Harold Bloom, explícita nos resumos do trabalho. Apenas pela seleção do *corpus* já é possível tecer alguns comentários sobre a produção acadêmica no Brasil. Harold Bloom, como será reafirmado adiante, publica *A angústia da influência* em 1973 e em 1991, 18 anos depois, essa obra é publicada no Brasil, e em 1994 é defendida a primeira tese em que figura como base teórica.

Não podemos dizer que esses fatos demonstram monolinguismo por parte do estudante brasileiro de então (O autor da tese em questão, Andreas Lombardi, é estudioso de língua e literatura italiana), mas podemos chamar a atenção para o fato de que a fraca e lenta produção editorial brasileira - pelo menos no que diz respeito a traduções - impede o acesso do intelectual das universidades nacionais a importantes obras em seu campo de atuação. Harold Bloom acabou por ser conhecido no Brasil quando o seu viés teórico já havia mudado (meados da década de 90, marcado principalmente pelo lançamento de *O cânone ocidental*, em 1994, sendo publicado em

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista – Assis – São Paulo – Brasil.

português no ano seguinte devido ao seu sucesso editorial), o que redimensiona toda a compreensão de sua teoria da influência por parte do estudante de Letras na Universidade brasileira.

### **Angústia da influência e Um mapa da desleitura.**

Em 1973 Harold Bloom publicou a obra que o fez conhecido no campo da teoria literária em todo o território norte-americano e mesmo europeu, *The anxiety of influence*. A partir de então as idéias e conceitos do professor da tradicional universidade de Yale foram exaustivamente estudados e discutidos (NESTROVSKI, 1991), principalmente nos Estados Unidos. Tais idéias envolviam uma crítica aos adeptos do *New criticism* cujos pressupostos eram predominantes no meio intelectual anglófono onde Harold Bloom se educou. Os *New critics*, seguindo a esteira de T.S. Eliot na seleção de seu *corpus*, deixaram de lado os grandes poetas do Alto Romantismo inglês, tão apreciados pelo crítico norte-americano em questão. A primeira obra de Harold Bloom, fruto de sua tese de doutoramento, *Shelley's mythmaking* (1959), questiona veementemente as posições vigentes acerca do poeta inglês, principalmente o que dizia respeito a uma visão “filosófica” de sua poesia, e não literária, ou seja, uma abordagem crítica que visava extrair conteúdos filosóficos dos poemas de Shelley para em seguida questionar os posicionamentos inerentes a esses conteúdos, deixando de lado qualquer mérito pela composição poética.

Harold Bloom, desde essa sua primeira publicação faz crítica literária tendo como objeto de estudo os poetas românticos ingleses, ou aqueles que tem relação direta com eles: William Blake, Lord Byron, William Wordsworth, Percy Bysshe Shelley, John Keats, Samuel Taylor Coleridge, entre outros. Até o lançamento da obra mais crucial para sua carreira acadêmica, o professor de Yale publica mais 4 livros: *The visionary company* (1961), *Blake's apocalypse: a study in poetic argument* (1963), *Yeats* (1970) e *The ringers in the tower: studies in romantic tradition* (1971), todas as obras abordando direta ou indiretamente o Alto Romantismo inglês. Em *A angústia*, Bloom busca teorizar acerca da formação poética e imaginativa dos poetas que havia abordado anteriormente.

Em *A angústia da influência* Harold Bloom afirma que os poetas românticos são

assolados por um sentimento de tardividade em relação à tradição. A presença aterradora desses pais poéticos gera um impulso de morte, em vista do fato de que a morte inexoravelmente chega para todos, e a tradição reafirma esse fator. O novo poeta, ou *efebo*, como Bloom costuma chamar, parte para o combate, ou *agon*, com seu pai poético de modo a criar um poema que o coloque numa posição de anterioridade em relação ao poeta-pai. Para isso, o poeta tardio lança mão inconsciente e conscientemente, daquilo que o crítico norte-americano chama de razões revisionárias. Digo inconsciente e conscientemente, porque mais tarde, Bloom, partindo de reflexões de Paul de Man, irá atribuir a cada razão revisionária um tropo retórico e uma defesa psíquica, respectivamente manifestações conscientes e inconscientes dessas *razões*. Essas atribuições irão gerar aquilo que mais tarde seria chamado de *Um mapa de desleitura*, figurando como tema principal de obra homônima, publicada em 1975, como a segunda parte da *tetralogia* de Bloom. Terry Eagleton, buscando também sintetizar a teoria de Bloom, afirma:

Harold Bloom [...] usou a obra de Freud para lançar uma das teoria mais ousadamente originais da década passada. O que Bloom faz, com efeito, é reescrever a história literária em termos de complexo de Édipo. Os poetas vivem preocupados à sombra de um poeta “forte” anterior a eles, como filhos oprimidos pelo pai; e qualquer poema pode ser lido como uma tentativa de escapar dessa “ansiedade da influência” pela remodelação sistemática de um poema anterior. (EAGLETON, 2006, p. 275)

Em *Um mapa de desleitura* temos a retórica de Harold Bloom se expandindo para diversos campos do saber, como a psicanálise e a estilística. Podemos perceber, então, uma teoria mais palpável e menos metafísica, uma teoria que passa a se debruçar mais sobre o texto. Ao compararmos as duas obras chegamos facilmente à conclusão à qual Frank Lentricchia (1981) chegou. A teoria de Harold Bloom, a despeito do que muitos pensam, não é imanentista como aquela posta em prática pelos *New critics*. A preocupação de Harold Bloom não é com um ou outro texto literário, mas sim com a relação entre eles. N’*Angústia*, Bloom escreve ensaios sobre de que maneira suas seis razões revisionárias figuram nas relações entre os textos. No *Mapa*, Bloom se voltará para um texto de cada vez de modo a demonstrar a relação entre eles manifesta linguística e retoricamente.

## Harold Bloom e a desconstrução

A empreitada de Bloom contra os *New Critics* deu continuidade ao que Northrop Frye iniciou<sup>2</sup>, e fez com que se aproximasse de um grupo de teóricos influenciados pelo *Desconstrucionismo* de Jacques Derrida que ficou conhecido como os Desconstrucionistas de Yale. Compunham esse grupo, além de Bloom, Paul de Man, Geoffrey Hartman e J. Hillis Miller. Todos compartilhavam um intenso interesse pelo Alto Romantismo inglês, além do despreço pelos pressupostos gramaticais do *New Criticism*. No entanto, no que diz respeito à consistência como um grupo, as igualdades param por aí. Os desconstrucionistas eram críticos que buscavam estudar a obra de arte literária independentemente de qualquer outro campo do saber ou ciência. Martin, em estudo feito acerca dos críticos de Yale afirma que:

(...) anti-formalistas como Hartman, De Man, Miller e Bloom têm discutido tradicionalmente a relação do estudo literário com outras disciplinas com o apenas um intuito. Eles querem demonstrar porque as metodologias aplicadas nas ciências não são de nenhuma relevância para a literatura – após fazê-lo eles retornam para seu próprio método de meditação hermenêutica. (MARTIN, 1983, p. xxvii, tradução nossa)<sup>3</sup>

Apesar dessa proximidade em relação à soberania do campo da literatura, os outros desconstrucionistas sofreram o impacto das idéias de Derrida muito mais do que Bloom. Na medida em que Bloom está envolvido com questões de leitura formuladas retoricamente nos textos, ele se aproxima dos seus colegas “desconstrutores” de New Haven. Mas ao contrário desses, ele rejeita a linguagem em si como “uma fonte privilegiada de explicação”. (ARAC, op. cit, p. 223). “Os críticos de Yale rejeitariam generalizações e, com toda a probabilidade, qualquer tentativa de caracterizá-los coletivamente” (MARTIN, op. cit, p. xxix, tradução nossa).<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Em entrevista concedida a Imre Salusinszky Bloom declara que sua grande influência é o crítico canadense.

<sup>3</sup> Antiformalists such Hartman, de Man, Miller, and Bloom have traditionally discussed the relationship of literary study to other disciplines with only one purpose in mind: They want to show why the methodologies employed in the sciences are not of any relevance to literature – after which they can return to their own methods of hermeneutic meditation

<sup>4</sup> The Yale critics would reject (...) generalizations and, in all probability, the very attempt to characterize them collectively.

A linguagem, para o desconstrucionismo de De Man, é metafórica, ou seja, é uma ilusão crer que haja uma linguagem realmente literal, visto que todo signo é a representação de um dado da realidade, configurando assim uma representação lingüística, assim como os textos literários. Dessa forma, a contradição entre o que se diz e o que se quer dizer é, e sempre será, característica da linguagem. Tudo não passa de retórica. A grande diferença é que a literatura assume o caráter de “falsidade”. Logo, os desconstrucionistas se confundem com os retóricos, devido ao seu trabalho com a linguagem. De acordo com Tadié

[...] Harold Bloom [...] reprova essa adoração do deus Linguagem, que não vale mais que o deus Imaginação. Esse crítico vê a história da crítica e da poesia como a de uma luta perpétua, um “âgon”, como se cada escritor estivesse numa relação edípica com seus predecessores, como Platão com Homero (TADIÉ, 1992, p. 312-3).

De fato, os críticos de Yale, apesar de seus pontos em comum, não podem figurar como apenas um modo de pensar. Temos o exemplo acima de uma síntese do pensamento de Paul de Man, que diferia não só de Harold Bloom, mas dos outros desconstrucionistas de New Haven. Bloom, com sua tetralogia da influência, acabou por afastar ainda mais seu pensamento da escola desconstrucionista.

### **Bloom e a *influência* no meio acadêmico brasileiro**

Para que todos os trabalhos acadêmicos que lançaram mão das concepções de influência<sup>5</sup> de Bloom fossem apresentados de maneira concisa, buscamos elaborar uma tabela que compreendesse o sobrenome do autor, o nível - mestrado (M) ou doutorado (D) -, uma síntese dos objetivos do autor, declarado em resumo, e a relevância da teoria da influência de Harold Bloom para o estudo proposto:

---

<sup>5</sup> Célia Regina Bortolin defendeu uma dissertação de mestrado que trata do cânone, porém as questões acerca do cânone não figurarão neste artigo.

<b>Nome do pesquisador</b>	<b>Proposta do pesquisador em relação à crítica Bloomiana</b>	<b>Relevância</b>
ALENCAR (M)	Compreender as tensões entre moderno e tradicional na poesia de Lêdo Ivo em vista do conceito de “interpretação” ( <i>askesis</i> ) de Harold Bloom.	BAIXA
CORDEIRO (M)	Analisar as tensões de produção crítica em Lúcio Cardoso com a tradição em vista das considerações do livro de Bloom.	ALTA
ERICKSON (D)	Demonstrar como Augusto dos Anjos pode ser considerado um poeta forte e como sua poesia é temática em relação ao conceito de angústia da influência, ou seja, é um exemplo representativo da teoria de Harold Bloom.	ALTÍSSIMA
SANTOS (M)	Analisar como- Lévi-Strauss, André Gide e Roberto Schwarz desleram seus precursores Wladimir Propp, Sófocles e Antonio Candido, respectivamente, em vista da teoria da “angústia da influência” de Bloom.	ALTA
SANTOS (D)	Interpretar a polêmica gerada em torno de ensaios de Antonio Candido e Roberto Schwarz manifestada pela “angústia da influência”	ALTA
SOUSA (D)	Demonstrar que Flan O’Brien sofre de “angústia da influência” em relação a James Joyce e, a partir de então, ler sua obra como fuga da influência do autor de <i>Ulysses</i> .	ALTA
THIMÓTEO (D)	Aproximar as obras poéticas de Antero de Quental e Fernando Pessoa à luz dos pressupostos de alguns críticos, entre eles, Harold Bloom	BAIXA
LOMBARDI (D)	Seguir o percurso interpretativo de Bloom para analisar o conflito entre narrador e protagonista como se fossem autor e precursor para analisar obra de Italo Calvino e Ludovico Ariosto.	ALTA
PRIETO (M)	Apresentar, em seu trabalho uma comparação entre a “busca da autoria”, conceito, segundo a pesquisadora, explícito na obra de Bloom, e o conceito de “fuga da autoria” dos contadores de história.	BAIXÍSSIMA
MACHADO (D)	Enfocar uma provável presença de Nerval no conto “A grande sombra” de Mário de Sá Carneiro, com o auxílio da teoria de Bloom.	BAIXA
OLIVEIRA (D)	Ler o método crítico “comparativista” de Bloom como suporte para entender o método crítico de Jorge de Sena, e como esse leu seus precursores Luís de Camões e Fernando Pessoa.	MEDIANA

As pesquisas em que a contribuição das idéias de Bloom foram consideradas baixíssima, baixa ou mediana para seu desenvolvimento se limitaram a tecer um ou

outro comentário paralelo e de baixa intensidade para o desenvolvimento proposto e não entraram no enfoque da presente discussão. Sempre deixando claro que em nenhuma circunstância esse fator de relevância classifica também o mérito da pesquisa.

Atendo-nos às pesquisas cuja contribuição de Bloom para o seu desenvolvimento foi considerada alta ou altíssima, podemos ter um bom retrato do estado da questão dentro do meio acadêmico brasileiro.

A pesquisa de Erickson, como veremos adiante, infelizmente, é uma exceção. Nela a teoria de Bloom é lida e aplicada por toda sua extensão. O desenvolvimento da pesquisadora figura com a única que de fato leu seu objeto de estudo em vista da retórica bloomiana propriamente dita, ou seja, sob os preceitos mais profundos das razões revisionárias desenvolvidas por Bloom. Consideramos que o trabalho dessa pesquisadora é leitura obrigatória para aqueles que desejam se aprofundar no estudo da teoria da *angústia da influência*, visto que a pesquisadora não apenas lê toda a tetralogia da influência de Bloom como lê teóricos – entre eles Peter De Bolla (1988) – que buscaram compreender a teoria de Harold Bloom. Além disso, Erickson contribui para a compreensão do mapa de desleitura de Harold Bloom adicionando novos conceitos que auxiliam a sua compreensão. Suas análises, modelo de fidelidade à fidelidade à retórica bloomiana, buscam se basear completamente no modelo proposto por Harold Bloom, são pioneiras no meio acadêmico brasileiro, e de grande valia para o pesquisador que considera a teoria de Harold Bloom ainda obscura em relação aos seus métodos.

Os trabalhos de Goiamérico Felício têm propostas ambiciosas, mas acabam por cair na armadilha da qual Netrovski buscou prevenir o leitor brasileiro quando da publicação de sua tradução de *A angústia da influência*. A teoria da influência de Bloom não é uma teoria da alusão, e Goiamérico, assim como muitos dos pesquisadores que figuraram no *corpus* dessa pesquisa acabaram considerando-a como tal. Além disso, as razões revisionárias são utilizadas pelo pesquisador de maneira redutora, beirando o senso comum. Exemplos são as razões *clinamen*, ou desvio; *tessera* ou complementação; e *kenosis*, ou descontinuidade. Esses apostos escritos por Bloom, desvio, complementação e descontinuidade, são termos adotados pelo pesquisador no lugar das próprias razões revisionárias. As razões revisionárias de Bloom são mecanismos de defesa orientadas por tropos retóricos em relação a um poema precursor. Goiamérico acaba por considerar que a simples discordância entre ensaístas, como é o

caso de Propp e Lèvi-Strauss configura um *clinamen*, ou o fato de um teórico completar – no sentido mais denotativo da palavra – as idéias de um outro ensaísta configura um *tessera*, ou o desenvolvimento mais elaborado da idéia de um outro teórico configura o *kenosis*. Não podemos dizer de modo algum que a aplicação da retórica bloomiana nesse caso é fiel ao professor de Yale. Goiamérico, no entanto, em seus capítulos introdutórios buscou discutir e aprofundar as idéias de Harold Bloom em termos de parricídio, o que configura o ponto forte de sua pesquisa. O seu método de análise, contudo, se mostrou extremamente redutor em relação às idéias de Harold Bloom.

A pesquisa de Ana Maria Cordeiro trouxe uma leitura rica da obra de Bloom, com uma descrição extensa das razões revisionárias, modelo de síntese para a teoria de Bloom - dentro de suas baixas possibilidades de síntese -, mas em alguns momentos a pesquisadora acabou caindo em generalizações. Muitas vezes as idéias de Bloom sobre a influência foram consideradas pela pesquisadora como “pre-supostos desconstrucionistas”. Como vimos, apesar de Harold Bloom ter participado da escola desconstrucionista de Yale, não é possível considerar sua teoria como desconstrucionista sem generalizar sua produção. As análises de Cordeiro também utilizam a teoria de Bloom como uma teoria da alusão, visto que analisa a influência de Poe e Baudelaire em Lúcio Cardoso por meio de textos de Lúcio Cardoso sobre Baudelaire de Poe. No entanto em alguns momentos ela busca interpretar movimentos no texto de Lúcio Cardoso que não necessariamente são alusivos, mas que demonstram a influência de Baudelaire e Poe.

O trabalho de Lombardi, apesar de declarar o uso da teoria de Bloom como base, também afirma desde já que não aplicará a teoria de Bloom “canonicamente”. Lombardi, em sua tese se mostra um pesquisador extremamente maduro, com grande conhecimento sobre seu objeto de estudo, os escritores Ítalo Calvino, Ludovico Ariosto, e a literatura italiana propriamente dita. Isso contribuiu para que o pesquisador tivesse a liberdade de não se ater demais à modelos teóricos para realizar sua análise. Infelizmente, esse fator não permitiu a contribuição que a teoria da influência de Bloom realmente marcasse sua presença nas análises de Lombardi. O capítulo sobre Harold Bloom consegue sintetizar muito pressupostos de Bloom, mas apenas em seus aspectos intertextuais.

A tese de Sousa, apesar de não lançar mão da retórica bloomiana em relação aos



tropos, consegui fazer uma análise sob os preceitos das razões revisionárias, abordando principalmente a *kenosis* como elemento mediador da influência sofrida de James Joyce por parte de Flan O’Brian. Temos uma análise que não considera a teoria de Harold Bloom como uma teoria da alusão, buscando dados textuais, principalmente quanto aos significados simbólicos nos enredos dos romances de Flan O’Brian em relação aos textos de Joyce, presentes na subestrutura de suas narrativas, demonstrando como essas passagens configuravam as razões revisionárias de Bloom em *A angústia da influência*.

### **Considerações finais**

Em seu livro *O cânone ocidental* (1995), Harold Bloom afirma acerca da receptividade negativa de sua teoria da influência: “jamais consegui reconhecer minha teoria de influência quando ela é atacada, uma vez que o que se ataca jamais chega a ser sequer um travesti hábil de minhas idéias” (BLOOM, 1995, p.17). Com essa afirmação em mente e a compreensão da profundidade teórica da obra de Bloom, a perspectiva que foi gerada ao iniciar esse trabalho considerava que independente do fato de que todos os trabalhos tinham em sua base teórica a obra *A angústia da influência*, com exceção da pesquisa de Erickson, que compreendia grande bibliografia de Harold Bloom, e da pesquisa de Bortolin que tinha como obra central de análise *O cânone ocidental*, teríamos ao fim das leituras diversas leituras diferentes da teoria de Harold Bloom. Infelizmente, no caso brasileiro, como foi possível perceber, com raras exceções, tivemos o que De Bolla identificou mesmo antes da década de 90 como “inadvertido empréstimo do conceito central de “influência” sem seu contexto bloomiano” (DE BOLLA, 1988, p. 15, tradução nossa)<sup>6</sup>.

A despeito das exceções, as conclusões não são animadoras, se levarmos em consideração o que Terry Eagleton disse acerca da teoria de Harold Bloom. Doravante, alguns parâmetros aparentemente simples, mas de extrema relevância deveriam vir à tona quando se pensar novamente na teoria de Harold Bloom, e são parâmetros já implicitamente recuperados. Em primeiro lugar, é o fato de *angústia da influência* não ser uma teoria da alusão, como chama a atenção Nestrovski (1991). Se fosse, não justificaria os méritos à ela atribuídas por Eagleton ou mesmo Tadié. Abordagens que

---

<sup>6</sup> Unacknowledged borrowing of the central concept of “influence” without its Bloomian context.

pouco além vão do nível intertextual não fazem justiça a toda a riqueza teórica gozada pela *angústia*; um outro parâmetro já indicado por De Man (1983) e mesmo pelo próprio Harold Bloom (1979) diz respeito ao gênero do texto do professor de Yale, e aqui caímos em uma problemática demasiada complexa acerca dos gêneros da crítica. “Uma teoria da poesia” diz o subtítulo da obra de Bloom, e alerta De Man que na verdade, apesar do nome, essa obra de Bloom não configura uma teoria da poesia, uma “poética”, como a de Aristóteles ou de Horácio, mas sim uma teoria da imaginação literária. Harold Bloom faz afirmação semelhante em ensaio intitulado *The breaking of form*, presente em *Deconstruction and criticism* (1979), quando diz que sua teoria é composta por reflexões filosóficas sobre a formação do poeta e sua criação poética. Se rastrearmos os principais gêneros de crítica e teoria<sup>7</sup> na história da literatura ocidental, a saber poética, retórica, estética, estilística, crítica em sentido estrito, biografia, historiografia, teoria, entre outros, não encontramos onde se localiza o discurso de Bloom, exceto se utilizarmos “teoria” no sentido que Johnatan Culler (1997) utiliza. Por conta disso é necessário cuidado ao se considerar a teoria de Bloom como base teórica e confundi-la com um “método” de crítica ou mesmo com uma “metodologia” para um trabalho acadêmico. Considerar a teoria de Bloom como uma fôrma pode gerar reducionismos de suas concepções.

Temos ciência de que os parâmetros que propusemos levantar são parâmetros da negatividade, ou seja, parâmetros que apenas impõe limites e não buscam estabelecer um norte para um neófito na teoria de Bloom. Ainda assim, consideramos importante alertar o pesquisador de problemas de abordagem já cometidas - e mesmo previstas - e que voltaram a acontecer no caso brasileiro. Deixando os erros para trás, vale conferir o trabalho de Erickson citado acima, além das obras - inéditas no Brasil - de Lentricchia (1981), de Louis Renza (1990) e a mais recente coletânea de ensaios sobre Harold Bloom, organizada por Rawes e Shears (2009). Para finalizar, vale lembrar que outros trabalhos acadêmicos escritos sobre e/ou com a contribuição das idéias de Harold Bloom foram defendidos a partir de 2007, quando o *corpus* desta pesquisa foi estabelecido.

## Referências

---

<sup>7</sup> Seguimos aqui a coletânea *Norton Anthology of Theory and criticism* (2010), que nomeia dessa forma todas essas formas de discurso.

ARAC, Jonathan et al. (orgs). *The Yale Critics: Deconstruction in America*. Minneapolis: Univ. of Minnesota Press, 1983.

BLOOM, Harold. *A angústia da influência*. Trad. Marcos Santarrita. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

BLOOM, Harold. *Um mapa de desleitura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

BLOOM, Harold. *Cabala e crítica*. Trad. Monique Balbuena. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BLOOM, Harold. *Poesia e repressão: o revisionismo de Blake a Stevens*. Trad. Cillu Maia. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

BLOOM, Harold et. al. *Deconstruction and Criticism*. New York: Seabury Press, 1980.

CLAYTON, Jay & ROTHSTEIN, Eric (orgs.). *Influence and intertextuality in literary history*. Madison: Winsconsin University Press, 1991.

CULLER Jonathan. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997.

DE BOLLA, Peter. *Harold Bloom: towards a historical rhetorics*. London: Routledge, 1988.

DE MAN, Paul. Review of Harold Bloom's *Axiety of Influence*. In: DE MAN, Paul. *Blindness and Insight*. 2 Ed. (1983). Padstow: Methuen & Co. ltd., 1971.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FITE, David. *Harold Bloom: The Rhetoric of Romantic vision*. Amherst: Univ. of Massachusetts Press, 1985.

HOLLANDER, John. Introduction. In: BLOOM, Harold. *Poetics of Influence*. New Haven: Henry Schwab, 1988.

LENTRICCHIA, Frank. *After the new criticism*. Chicago: Chicago University Press, 1981.

LIMA, Luiz Fernando Martins de. *A recepção crítica de Harold Bloom no meio acadêmico brasileiro*. 2009. 152 fls. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2009.

MARTIN, Wallace. Introduction. In: ARAC, Jonathan et al. (orgs). *The Yale Critics: Deconstruction in America*. Minneapolis: Univ. of Minnesota Press, 1983.

MILEUR, Jean-Pierre. *Literary revisionism and the burden of modernity*. Los Angeles: Univ. of California press. 1985.

NESTROVSKI, Arthur R. Influência. In: JOBIM, José Luiz (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992

NESTROVSKI, Arthur R. Apresentação. In: BLOOM, Harold. *A angústia da influência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

RAWES, Alan & SHEARS, Jonathon (orgs.). *Reading, writing and the influence of Harold Bloom*. New York: Palgrave, 2009.

RENZA, Louis A. Influence. In: LENTRICCHIA, Frank & McLAUGHLIN, Thomas. *Critical Terms for literary study*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

SALUSINSZKY, Imre & DERRIDA, Jacques. *Criticism in society: interviews with Jacques Derrida, Northrop Frye, Harold Bilo, Geoffrey Hartman, Frank Kermode, Edward Said, Barbara Johnson, Frank Lentricchia, and J. Hillis Miller*. London: Taylor & Francis, 1987.

TADIÉ, Jean-Yves. *A crítica literária no século XX*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.

TEIXEIRA, Jerônimo. O guardião dos poderosos mortos. *Superinteressante*, São Paulo. p. 66–71, Dezembro de 2003.

WELLEK, René. *História da crítica moderna*. v. 1. São Paulo: Herder, 1967.

WELLEK, René. *História da crítica moderna*. v. 2. São Paulo: Herder, 1967.

### **Teses e Dissertações**

ALENCAR, Rosana Nunes. *O Moderno e o Tradicional na poesia de Lêdo Ivo*. 2002. 149 folhas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/ S.J. do Rio Preto, [2002].

BORTOLIN, Célia Regina. *A problemática do cânone literário*. 2003. 191 folhas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/ S.J. do Rio Preto, [2003].

CORDEIRO, Ana Maria. *O escritor “Post-Modernista” enquanto crítico: Lucio Cardoso*. 1995. 179 folhas. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, [1995].

ERICKSON, Sandra S. F. *A Angústia da Influência na Poesia de Augusto dos Anjos*. 2001. 280 folhas. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba/ João Pessoa, [2001].

LOMBARDI, Andréas G. *A verdadeira história do narrador: Calvino Ariosto e a Influência poética*. 1994. 163 folhas. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Universidade de São Paulo – São Paulo, [1994].

MACHADO, Lino. *Consigno e contra si*: Mário de Sá-Carneiro. 423 folhas. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, [1996].

OLIVEIRA, Maria Fernanda A.P.S. *Manda-me o tempo que cante*: Sobre o pensamento poético de Jorge de Sena. 281 folhas. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, [2000].

PRIETO, Heloisa. *Rei Arthur, Dom Quixote e D'Artagnan: Sendas e sonhos de lendários heróis*. 1996. 136 folhas. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). – Pontifícia Universidade Católica – São Paulo, [1996].

SANTOS, Goiamérico F. C. *Angústia da influência em Memórias de um sargento de milícias*. 1999. 166 folhas. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, [1999].

SANTOS, Goiamérico F. C. *Influência e poder: casos de desleitura*. 1995. 119 folhas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Goiás, [1995].

SOUSA, Heleno Godói. *A ficção de Flann O'Brien: o romance como afirmação da negação*. 2004. 229 folhas. Tese (Doutorado em Estudos lingüísticos e literários em inglês) – Universidade de São Paulo, [2004].

THIMOTÉO, Natália F.G. *O sonho e a máscara: aproximações das obras poéticas de Antero de Quental e Fernando Pessoa*. 1999. 368 folhas. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Assis, [1999].